



O ENSINO DE FILOSOFIA COMO FORMAÇÃO EMANCIPATÓRIA: UMA PERSPECTIVA ADORNIANA

Brenda Pereira Gomes ¹
Antônio Carlos Rodrigues ²

RESUMO

Este artigo discorre sobre a problemática em torno da educação do ponto de vista do pensador e filósofo alemão Theodor W. Adorno, procuramos mostrar como a visão adorniana sobre a educação perpassa a crítica a sociedade burguesa de sua época. Para tanto, objetivou-se caracterizar a educação a partir do conceito de *Esclarecimento*, em que as tensões existentes entre o sistema capitalista virgente e as aspirações do educador e dos educandos sofrem nuanças no que se refere aos desafios que enfrentam em sua prática educativa. Dessa forma, a pesquisa foi realizada em duas etapas metodológicas: A leitura criteriosa da obra: *Educação e Emancipação*, de Adorno, e a leitura do texto: *Resposta à pergunta: O que é esclarecimento?* de Immanuel Kant, ambas ancoradas na abordagem qualitativa, cujo o método de procedimento utilizado é o análito-descritivo. Como resultado, observa-se fortes reflexões do pensamentos de Adorno sobre a necessidade perpétua do processo emancipatório dos estabelecimentos de ensino, bem como, pela autonomia do pensar crítico dos estudantes em meio a sociedade.

Palavras-chave: Adorno, Educação, Esclarecimento, Emancipação.

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre o enfoque filosófico em torno das condições e possibilidades do ensino de filosofia na Educação brasileira, percebemos o quanto essa problemática tem adquirido destaque no nosso país. Nesse sentido, o escopo desta investigação tem por intuito a formação autônoma dos estudantes por meio do Ensino de Filosofia. Tem fundamento teórico-filosófico nos escritos do autor alemão da escola de Frankfurt, Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno (1903 – 1969). E, almeja o desenvolvimento e o uso de uma metodologia que vise a emancipação intelectual dos estudantes e que esta proporcione aos alunos contribuições para a sua formação, bem como, favoreça no desenvolvimento de uma postura autônoma.

Adorno (1903 - 1969), quando nos indica a superficialidade da cultura moderna, nos conduz a pensar sobre o papel da educação. De modo que, em sua obra: “Educação e Emancipação” (1969), podemos nortear nosso olhar para questões problemáticas que envolvem a educação, em especial, o ensino de filosofia. Tendo em vista que, numa sociedade em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, pode acarretar na formação

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, brendapgomes@outlook.com;

² Graduado pelo Curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Estudante de Especialização em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UFPB acr.acr2507@gmail.com;



de “consciências iguais as coisas”³. Por isso, a necessidade de questionarmos sobre o sentido e os objetivos da educação, questionando sobre suas conduções ao mesmo tempo em que pontuamos sobre quanto o saber filosófico participa na ideia da condução dos estudantes no processo de construção do conhecimento.

Algumas das especificidades que a Filosofia Adorniana promove para a formação/educação do indivíduo autônomo e cidadão conhecedor de suas necessidades e obrigações em convívio com os demais, é de que, tornando-se emancipado o indivíduo tende a gozar da visão crítica do mundo, a questionar verdades que outrora eram postas como absolutas e inquestionáveis. Como também, o indivíduo passa a compreender o que seja uma vida permeada por fundamentos de valores morais, éticos e políticos, que são fatores cruciais da vida em sociedade.

Nesse sentido, este artigo visa contribuir para as discussões em torno da importância da Filosofia e do seu ensino na educação como formação emancipatória: De modo que: “O ensino de filosofia será sempre, evidentemente, uma tarefa filosófica” (CEPPAS, 2004, p. 3549). Dito isto, é notório, refletirmos sobre as práticas pedagógicas dos professores de Filosofia e das suas necessidades em proporcionar aos estudantes um sentido do filosofar, bem como da aplicação dos conhecimentos filosóficos na vida prática.

METODOLOGIA

A proposta deste artigo, aqui apresentado, será estabelecida por meio de algumas etapas, sendo a primeira alusiva a consulta de bibliografia referente ao tema a ser abordado, a exemplo da necessidade da emancipação dos estudantes em meio a autonomia do pensamento. Para tanto, são tomadas as discussões levantadas por Adorno em sua obra, intitulada: Educação e Emancipação, (1969), e, encaminharemos, metodologicamente, a partir das discussões que Adorno faz ao retomar as reflexões de Kant, presentes no ensaio: Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento? (1985), a respeito do esclarecimento e autonomia do pensar.

Destarte, para que sejam aferidas as aspirações, o artigo se valerá do método analítico-descritivo para fundamentar a hipótese, com o levantamento dos textos citados na bibliografia.

³ O conceito de "consciência coisificada" em Theodor Adorno sofreu forte influência do pensamento de Lukács, tendo em vista que por meio deste conceito que foi traduzido os efeitos descritos por Lukács sobre a "objetividade ilusória" da estrutura mercantil fundante da sociedade capitalista, em que as relações entre os sujeitos tomam o sentido e forma de relações entre os sujeitos e as coisas. Para Adorno, “Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço do homem” (ADORNO, 1995)



Por isso, se faz necessário, a princípio, uma pesquisa exploratória para proporcionar uma visão geral acerca o tema em questão, definindo objetivos para uma maior aproximação da questão através de levantamento bibliográfico e uma análise aproximada do fenômeno estudado, e de uma metodologia explicativa, que tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, que nesse caso será utilizada para direcionar o processo de abordagem dos conceitos que serão estudados, favorecendo, conseqüentemente, uma interpretação mais precisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir do estudo minucioso da obra: *Educação e Emancipação* (1969), do Filósofo alemão da escola de Frankfurt, Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno (1903-1969), reconhecemos a importância de pensar a educação, em que intentamos investigar a formação autônoma dos educandos por meio do Ensino de Filosofia.

A esta obra se deve o propósito desta investigação, da proposta de uma metodologia de ensino, direcionada a emancipação intelectual dos estudantes por meio da Filosofia, os conceitos aqui presentes têm aporte teórico-filosófico na obra *Educação e Emancipação* de Theodor Adorno, fornecendo as bases sólidas para a pretenciosa pesquisa no Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Adorno inicia sua obra: *Educação e Emancipação*, chamando atenção para um aspecto de grande importância para uma sociedade democrática, isto é, a exigência da emancipação do pensamento. Para reforçar seu pensamento, o filósofo alemão recorre ao breve ensaio de Kant, de 1784, intitulado: “Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?”, em que o filósofo alemão se apropria da definição do conceito de esclarecimento (Aufklärung), proposta por Kant, em que:

Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade (ADORNO, 1995, p. 169).

Immanuel Kant já apresentava uma postura ética-filosófica próxima à apresentada por Adorno, de acordo com Kant manter-se subjugado a outrem de modo que nossas ações, escolhas e posturas sejam reflexos de decisões ou influências de terceiros, qualifica-se como menoridade. Condição na qual não agimos e nem tomamos decisões baseadas em uma investigação ou valoração do nosso próprio entendimento, mas sim, do entendimento por meio da tutela do outro, em que o produto de nossas escolhas está intrinsecamente atrelado ao posicionamento do



outro, isto é, de um tutor, portanto devido a diversos fatores como a covardia e a preguiça somos conduzidos a consentir tanto como verdadeiras quanto como válidas todas as escolhas e posturas que nos é imposta. “É, portanto difícil para todo homem tomado individualmente livrar-se dessa minoridade que se tornou uma espécie de segunda natureza” (KANT, 1985, p. 2).

A concepção de autonomia é introduzida originalmente por Kant, em sua obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785), em que o filósofo compreende por autonomia a propriedade que a vontade possui de ser lei para si mesma (independentemente da natureza dos objetos do querer). O princípio da autonomia é, pois: “escolher sempre de modo tal que as máximas de nossa escolha estejam compreendidas, ao mesmo tempo, como leis universais, no ato de querer”. (KANT, 1964, p. 104). Essa autonomia da vontade, pautada nas escolhas da razão estabelece a ideia de uma vontade livre, refazendo o sentido dos valores morais que garantem a própria autonomia e liberdade.

O pensamento de Adorno aprofunda essas questões ao ambiente educacional, na medida em que a ausência da emancipação neste espaço e fora dele, possibilita o surgimento da barbárie, essa permeada pela perda de valores e pela adesão acrítica de comportamentos sociais baseados em pensamentos heterônomos como os que vieram a culminar no nazismo e no terror vivenciado em Auschwitz, primando assim, a supervalorização da ciência em detrimento da vida, bem como do empobrecimento da cultura e da educação, que foram fatores culminantes desse negativo fenômeno social.

Sobre o conceito de barbárie, Adorno tece o seguinte comentário:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (ADORNO, 1995, p. 70).

Nesse sentido, os conceitos de barbárie e minoridade não se limitam somente ao contexto histórico no qual o autor os problematizou, pois, as demandas e dificuldades da Educação brasileira tem muito em comum aos escritos da obra deste filósofo contemporâneo. Visto que, grande parte destes problemas não se restringem tão somente ao corpo discente, mas se abrange nas metodologias empregadas pelos professores em sala de aula, bem como na estruturação curricular e na formação docente. Assim sendo, o que faz do pensamento de



Adorno, e, em especial desta obra algo fundamental é a possibilidade de interação e dinamismo das posturas e investigações de metodologias com o objetivo de melhorar o ensino de filosofia.

De acordo com Adorno, nós não somos educados para a emancipação, por isso, precisamos colocar o esclarecimento no centro das teorias e das ações educativas. A educação deve rumar para a emancipação, e a emancipação é o esclarecimento. “De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade”, (ADORNO, 1995, p. 143). Assim sendo, temos que superar o falso conceito de talento que é um fator determinante na nossa educação. De modo que, o talento não se faz presente previamente nos indivíduos, mas depende do grau de desafio que cada um é subordinado, e assim o aprendizado passa a consistir tão somente no caráter conteudista/tecnicista de cumprir determinadas ordens já estabelecidas.

A seguir, observamos as considerações iniciais do pensamento de Adorno em relação a formação/educação:

E assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 1995a, p. 141-142).

Nessa perspectiva, o Ensino de Filosofia deve romper com a abordagem conteudista que limita a educação/formação dos estudantes somente para o mercado de trabalho e para serem “reprodutores” de ideias e pensamentos já postulados, que podem conduzi-los à barbárie. O Ensino de Filosofia tem a importante tarefa de formar indivíduos autônomos e emancipados, conscientes da política e da ética que regem a sociedade em que eles estão inseridos. Cerletti (2009), propõe que o ensino de filosofia deva servir para exercitá-los no exercício do perguntar.

(...) tirá-los da rotina das aulas tradicionais é uma meta que o perguntar filosófico pretende enriquecer o sentido de questionamento e universalizar a dimensão das respostas. O interrogar filosófico não se satisfaz, pois, com a primeira tentativa de resposta, mas se constitui fundamentalmente, no re-perguntar. (CERLETTI, 2009, p. 24).

Essa atividade é a marca perene da filosofia, questionando sobre as formas e condições existenciais estabelecidas, mais do que isso, a filosofia propõe um refazer constante sobre nossos questionamentos e principalmente sobre as nossas respostas estabelecidas como verdades, um questionamento sobre o refazer que estabelece normas e valores. Gallo e Kohan (2000, p. 192), compactuam igualmente do pensamento, de Cerletti, ao afirmarem que: “A



Filosofia é uma atividade de fazer experiências de pensamento, transversalmente atravessando o vivido e construindo sentidos para esses acontecimentos”. (GALLO; COHAN, 2000, p. 192). A ideia deixada, é o perguntar sobre o perguntado, refazendo o olhar questionador sobre as respostas estabelecidas, um exercício da liberdade e da autonomia através do exercício da razão.

O Ensino de Filosofia que visa a atitude para o filosofar, vai além do plano da repetição, e o contexto de sala de aula em tornasse um lugar de revisitar os saberes e os problemas filosóficos, permitindo assim, um espaço propício para a re-criação de conceitos, para experiências do pensamento. Nesse sentido, o Ensino filosófico é uma experiência de desnaturalização do pensamento cotidiano dos estudantes, fazendo-os pensar sobre o próprio pensamento na busca de responder aos problemas que se apresentam na sociedade em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, podendo acarretar na formação do tipo de “consciência coisificada”, isto é, sociedade em que a consciência das pessoas e as relações humanas vão se transformando em coisas, marcadas pelo caráter da condições descratável, ou seja, pessoas sendo diminuídas nas suas condições de humanidade, pessoas valorizadas por suas condições de utilidades e serventia no mercado de trabalho.

Desse modo, se faz necessário, que a educação rume como instrumento de emancipação, ou melhor, que a filosofia e o seu ensino tenha como norte a emancipação, tanto intelectual quanto sociocultural do humano, fornecendo assim, um amadurecimento para as práticas cidadãs e profissionais tão exigidas como forma de resistência da educação precária dos dias atuais. Segundo Morandi (2002, p. 9), “A consideração do problema da educação concretiza-se igualmente no próprio seio do problema da filosofia, pois, educando, é seu próprio pensamento que o homem educa”. No exercício dessa efetivação filosófica e educacional, os professores e os estudantes precisam estar engajados nesse processo de construção do ensino-aprendizagem direcionado à emancipação do ser humano e das relações humanas em sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo foi oriundo do reconhecimento dos desafios e dificuldades inerentes da prática docente, as quais por muita das vezes é atribuída aos alunos, a metodologia usada, bem como a necessidade de oferecer aos estudantes artifícios sobre o real sentido do filosofar, de apreender os saberes próprios da Filosofia e do seu Ensino, e valer-se de seus conhecimentos para a aplicação na vida prática.

Para tal trouxemos ao centro da discussão filosófica o Filósofo alemão Theodor Adorno e o conceito de Emancipação que vem corroborar com o objetivo almejado, ao qual toda



investigação é fundamentada, a possibilidade de potencializar através do Ensino de Filosofia os estudantes e instigá-los a se tornarem sujeitos críticos articuladores e mediadores dos valores existentes a seu redor, comportando-se desse modo como seres autônomos e emancipados.

Tendo em vista que, a educação tem como objetivo emancipar, libertar e transformar o indivíduo, para então leva-lo a pensar para poder transformar o mundo. A educação no sentido emancipatória é levada a uma autorreflexão que dirigida para a autonomia, auto legislação, ou seja, a legislação de si próprio. É tornar-se esclarecido, autônomo que é sair da menoridade, em outras palavras é sair da tutela e das determinações dos outros a “[...] menoridade é auto inculpável quando sua causa não é falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. [...]” (ADORNO, 1995, p. 169).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, o conhecimento filosófico a ser ensinado deve servir para a formação do espírito crítico, para a análise reflexiva da situação do estudante, do professor e sobretudo, das pessoas vinculadas ao processo educacional, propondo o exercício da liberdade aos homens, como princípio condutor da sociedade para efetivamente realizarem a própria emancipação humana, que acontece acompanhada de uma certa firmeza do “eu”, isto é, da autonomia do indivíduo sobre o mundo.

Assim sendo, a filosofia cumpre seu papel, de fomentar condições de superação à medida que propõe o questionamento, como atividade básica para humanidade criar e reavaliar suas respostas existenciais para a sociedade e para cada indivíduo.

É, portanto, no exercício da educação, nas facilitações do ensino e do conhecimento, que a Filosofia se manifesta como parte do processo educacional, na situação em que professores e estudantes participam ativamente do exercício da busca e apreensão do conhecimento, questionando os saberes, suas condições de distribuição e as formas de apropriação que lhes são oferecidas. Assim, à medida que levantam discussões, também se questionam, exercitando suas liberdades como proposta de autonomia e, participando como sujeitos numa busca contínua pelo esclarecimento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.



CEPPAS, F. Re - introduzindo a questão sobre a justificação do ensino de filosofia. In: Anais do XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Curitiba, 2004, p. 3537 - 3552.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2009.

GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (organizadores). **Crítica da alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio**. In: Filosofia no Ensino Médio. v. VI. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KANT, I. **Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?** In: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução e notas de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

MORANDI, F. **Filosofia da educação**. Tradução de Maria Emília Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.